



# POSIÇÃO GEOESTRATÉGICA DO BRASIL

Luiz Paulo Macedo Carvalho

**E**spaço é poder", no dizer de Ratzel. Eis porque, luta-se ainda pela conquista de espaço terrestre, marítimo, aéreo e sideral.

Por força de sua posição geográfica, com terras no Hemisfério Norte e Sul, ocupando extenso espaço na parte centro-oeste do continente, equivalente quase à metade do território sul-americano, com 15.719 km de fronteiras terrestres e projetando-se sobre o Atlântico Sul, ao longo de 7.408 km do litoral, o Brasil destaca-se no panorama estratégico mundial pela continentalidade e maritimidade.

Esta imensa base física continental-marítima, com fronteira terrestre duas vezes maior do que a oceânica e o saliente nordestino lançando-se sobre a massa afro-euro-asiá-

tica, assegura ao Brasil proeminente papel a desempenhar na segurança do Ocidente.

Detentor da quarta massa compacta mundial, o Brasil, com 40% do seu território tipicamente continental, fazendo limites com dez países sul-americanos — exceto o Chile e o Equador —, está separado do Pacífico pelo maciço andino e detém 60% e 45%, respectivamente, da área das bacias do Amazonas e do Prata, o que lhe garante ser o maior país amazônico e platino.

As dimensões desta continentalidade, pois, conferem ao Brasil poder e preocupação constante com o ecúmeno, aproximação e articulação com os vizinhos, ocupação e desenvolvimento do seu interior, estabelecimento de liga-

## A MISSÃO DA CPRM É

ções e comunicações das "vertentes antagônicas" do Atlântico e do Pacífico, bem como das bacias amazônica e platina, a fim de se capacitar a desincumbir-se da impostergável missão de preservar a sua soberania e defender o continente americano.

Por sua vez, a vocação marítima, ditada pela posse da maior extensão de costa na margem ocidental do corredor atlântico, ao Sul do Equador — no trecho norte, a partir de Natal até o Oiapoque, voltada para o Caribe e o Atlântico Norte e, no trecho sul, de Natal ao Chuí, para o Atlântico Sul até a Antártica —, e do estratégico trampolim do saliente nordestino, atribui ao Brasil considerável parcela de responsabilidade pela segurança na parte meridional do Atlântico.

A maritimidade, manifestada desde os primórdios do descobrimento da Ilha de Vera Cruz e transformada em pulmão da economia brasileira, exerce ponderável influência em 60% de nosso espaço terrestre, penetrando até 1.000 km interior adentro.

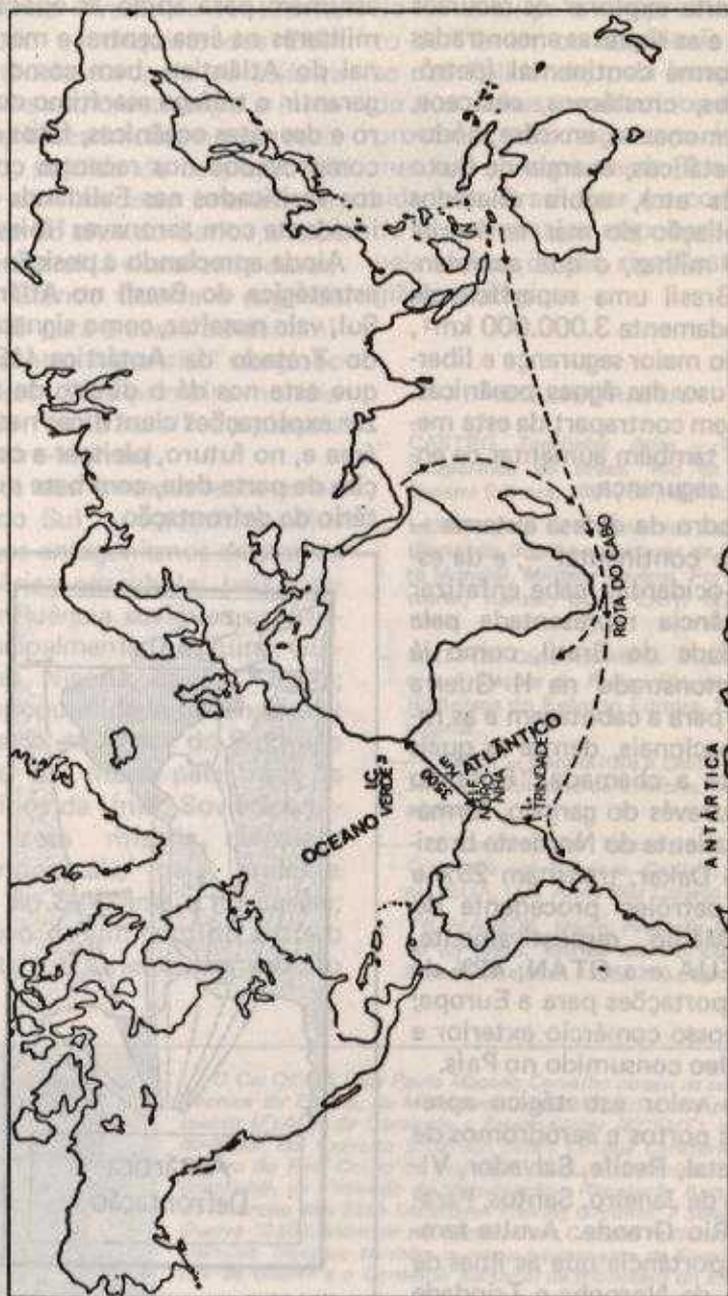
As águas do mar levam o Brasil a participar tanto da comunidade do Atlântico Norte como do Atlântico Sul, a entrar em contato com vinte países da África próxima, a se defrontar com a Antártica, a ter acesso ao Golfo Pérsico através do Índico e ao longínquo Japão pelos Estreitos de Drake e de Magalhães, além de facilitar as ligações com as Antilhas, a Guiana Francesa, o Su-

riname, a República da Guiana, a Venezuela, a Colômbia, os EUA, o Canadá e os vizinhos do Cone Sul — Argentina, Uruguai e Chile. Sendo o Atlântico o "mare nostrum", infere-se, portanto, que a linha de cobertura afastada do litoral brasileiro passa pela vertente ocidental da África.

Lembrado que o Amapá, no passado, já integrou a Guiana Francesa e considerada a importância da passagem do Canal do Panamá, ameaçada hoje pela existência de uma Cuba vermelha e expansão comunista na América Central, as atenções do Brasil são premidas também a se voltar para o Caribe.

O truísmo geopolítico, por outro lado, preconiza que quem domina a boca ou as quedas d'água a montante de um rio controla a bacia gerada por este e seu próprio curso. Aplicada tal verdade às bacias amazônica e platina, torna-se evidente o poder exercido pelo Brasil nessas áreas, interiorizando sua influência até países andinos, bem como à Bolívia e ao Paraguai. Se levado em conta ainda que o porto de Rio Grande tem maior calado do que o de Buenos Aires, com longo canal fluvial, o Brasil afasta a Argentina das rotas de comércio internacional, anulando a força geratriz da convergência dos rios formadores da área mais rica da América Latina — a Bacia do Prata.

Afora as vantagens estratégicas já apontadas, a maritimidade brasi-



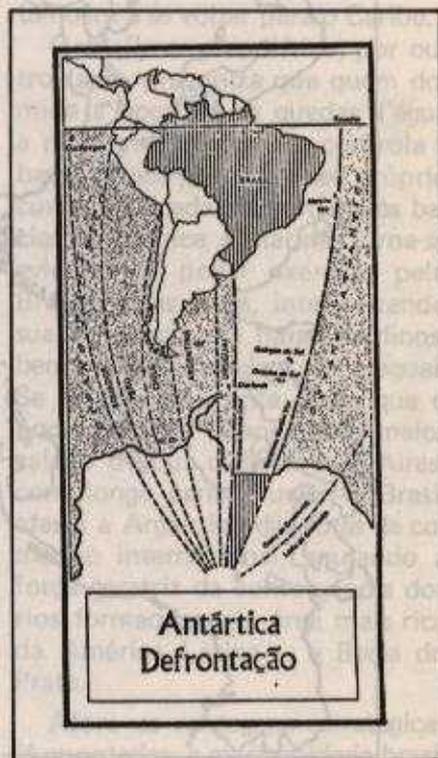
leira permite explorar os recursos marinhos e as riquezas encontradas na plataforma continental (petróleo, peixes, crustáceos, cetáceos, algas, sal, monazita, enxofre, nódulos polimetálicos, energia de fluxo das marés etc), agora dilatados pela ampliação do mar territorial para 200 milhas, o que acrescentou ao Brasil uma superfície de aproximadamente 3.000.000 km<sup>2</sup>, garantindo maior segurança e liberdade de uso das águas oceânicas. Todavia, em contrapartida esta medida veio também aumentar os encargos de segurança.

No quadro da defesa externa — nacional e continental —, e da estratégica ocidental, cabe enfatizar a importância representada pela maritimidade do Brasil, como já ficou demonstrado na II Guerra Mundial, para a cabotagem e as rotas internacionais, dentre as quais se salienta a chamada "Rota do Cabo". Através do gargalo, formado pelo saliente do Nordeste brasileiro com Dakar, transitam 25% e 66% do petróleo procedente do Oriente Médio, respectivamente, para os EUA e a OTAN; 42% de nossas exportações para a Europa; 18% de nosso comércio exterior e 83% do óleo consumido no País.

Grande valor estratégico apresentam os portos e aeródromos de Belém, Natal, Recife, Salvador, Vitória, Rio de Janeiro, Santos, Paranaguá e Rio Grande. Avulta também a importância que as ilhas de Fernando de Noronha e Trindade

assumem para apoio às operações militares na área central e meridional do Atlântico, bem como para garantir o tráfego marítimo costeiro e das rotas oceânicas, fatos estes comprovados nos recentes conflitos verificados nas Falklands e no incidente com aeronaves líbias.

Ainda apreciando a posição geoestratégica do Brasil no Atlântico Sul, vale ressaltar, como signatários do Tratado da Antártica (1959), que este nos dá o direito de realizar explorações científicas naquela área e, no futuro, pleitear a ocupação de parte dela, com base no critério da defrontação.



Concomitantemente, qualquer tentativa de invasão do continente americano e conquista dos EUA por potência européia ou asiática pressupõe como estratégia a instalação de bases iniciais no noroeste africano, seguida da *ocupação do saliente do Nordeste brasileiro e*, posterior do arco do Caribe, via de acesso natural já visualizada durante e II Grande Guerra e sugerida por MAO para o cerco do denominado "centro industrial" do globo (os países ditos primeiro-mundistas) pela "zona rural" do planeta (o Terceiro-Mundo).

Diante das ameaças latentes no Atlântico Sul — traduzidas pelos históricos antagonismos existentes na América espanhola; pela crescente influência soviética na África, principalmente, na Guiné, Guiné-Bissau, Nigéria, Zaire e Angola; pela impopularidade internacional do racismo da África do Sul; pelo domínio dos mares pela frota de submarinos da União Soviética, armados com mísseis balísticos intercontinentais; pela presença cubana no Suriname e no Caribe; pelo risco de um conflito entre o Ocidente e o Oriente, com súbito

fechamento dos canais de Suez e do Panamá: pelo comprometimento do Tiar em consequência da crise das Falklands; pela incapacidade dos países condôminos da área proverem sua segurança isoladamente —, cresce desde já a necessidade do Brasil ficar em condições de assumir maior responsabilidade pela defesa de tão significativa região estratégica.

### BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, Terezinha. *Atlas — Texto de Geopolítica do Brasil*. Rio de Janeiro. Capemi Editora, 1981, 58 páginas.
- LESSA, Luiz G. S. Atlântico Sul: Importância do Brasil no Decorrer da 2ª Guerra Mundial. *Military Review*. Fort Leavenworth, Kansas, EUA. LXIII (2): 24-38. 1983.
- MATTOS, Carlos de Meira. *A Geopolítica e as Projeções do Poder*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Editora. 1977. 147 páginas.
- ——. *Brasil — Geopolítica e Destino*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército. 1975. 109 páginas.
- ——. *Considerações Estratégicas Sobre a Ocupação das Malvinas*. Carlisle, Pensilvânia, EUA. U.S. Army War College. 1982.
- TRAVASSOS, Mário. *Projeção Continental do Brasil*. Rio de Janeiro. Companhia Editora Nacional. 1935. 206 páginas.



O Cel. QEMA Luiz Paulo Macedo Carvalho possui os cursos de Técnica de Ensino, de Motomecanização (EsMB), de Aperfeiçoamento (EsAO), de Comando e Estado-Maior (ECEME), de Estado-Maior do Exército Britânico (Staff College Camberley), do Centro do Real Corpo de Educação do Exército Britânico (Beaconsfield), de Extensão de Manutenção e Reparação Automóvel, do Exército dos EUA (Aberdeen Proving Ground), e Superior de Guerra (ESG), além de ser bacharel em Ciências Políticas e Econômicas. Integrou também o corpo permanente da Escola Superior de Guerra e o Conselho Editorial da Biblioteca do Exército.